

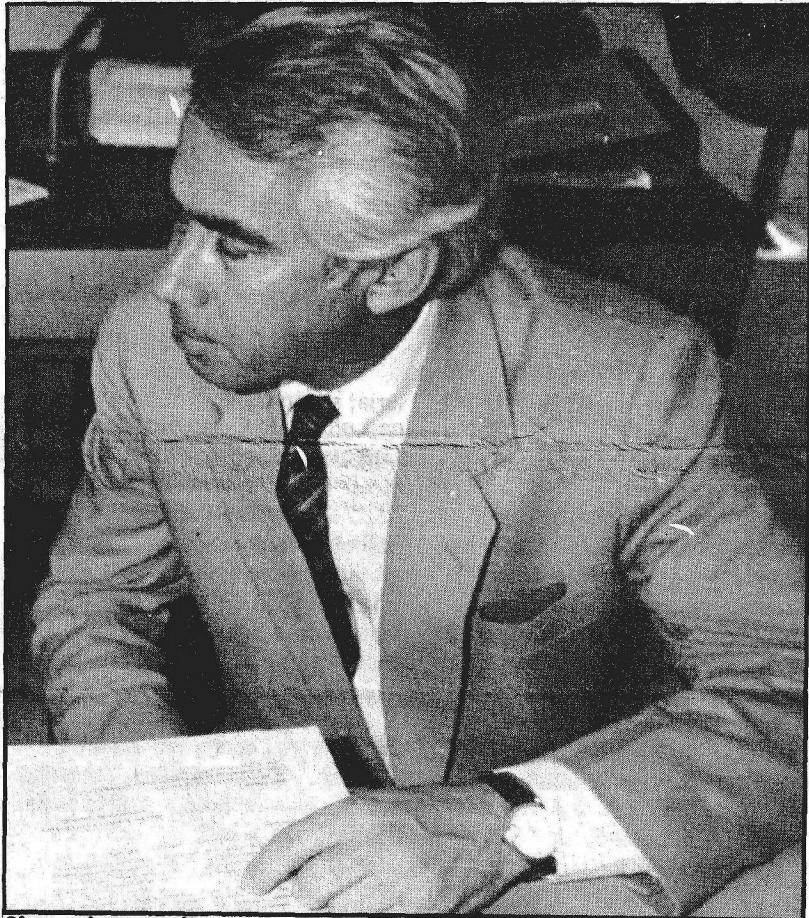
Medo de denúncias deixa parlamentares em pânico

Geraldo Magela

As primeiras três semanas de trabalho da CPI do Orçamento não produziram provas definitivas para levar acusados à prisão, mas foram suficientes para instalar o pânico generalizado no Congresso. Investigados sob suspeição e investigadores insuspeitos partilham hoje da mesma paranoíia de verem seus nomes associados à corrupção no Orçamento. Numa reprise nervosa do caso PC, época em que os parlamentares madrugavam para checar o saldo da conta bancária, apavorados com a ameaça de depósitos inexplicáveis dos "fantasmas", o Congresso retoma uma das máximas do doutor Ulysses Guimarães: cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém.

"Eu agora só janto no hotel, e de preferência no meu quarto", confessava o deputado José Genoino (PT-SP) na semana passada. Desde que começou a CPI, o petista diz que "morre de medo" de freqüentar os restaurantes de Brasília. "Vai que um lobista de uma empreiteira suspeita se instala na minha mesa sem pedir licença e outro fotografe a cena. Estará armada a confusão. Até eu explicar que nem conhecia o homem, já estarei na lista dos suspeitos de corrupção", raciocina o parlamentar.

É por estas e outras que o deputado Sigmarinha Seixas (PSDB-DF) conclui que é muito bom morar em Brasília, mas que ser deputado na capital do poder é sinônimo de viver perigosamente. Há três décadas na cidade, Sigmarinha advogava para presos políticos nos tempos em que o pai de uma desconhecida Elisabeth Lofrano era delegado de polícia sem ligações com o esquema de repressão. O advogado e o delegado ficaram amigos desde esta época, quando Elisabeth e uma certa Marina, que nem havia entrado na estória, estudavam juntas em um colégio de Brasília. Quinze anos depois, o deputado Sigmarinha e sua mulher Marina foram à festa da posse de José Carlos Alves dos Santos no Departamento de Orçamento da União. Atenderam ao convite de Beth, àquela altura mulher do competente economista do



Sigmarinha se diz vítima de chantagem por ter ido à festa

Senado, respeitado por políticos de todos os partidos. Foram 15 minutos para cumprir o chamado dever social, suficientes para uma foto que alimenta agora uma chantagem. Adversários políticos do Governo do DF e do período do impeachment de Collor mandam recados a seu gabinete. "Dizem que têm a prova de ligações minhas com José Carlos e vão publicá-las nos jornais".

Coordenador da subcomissão que examina as emendas ao orçamento e avalia possíveis ligações entre parlamentares e empreiteiras, o deputado diz que "o ridículo dessa estória" só estimula sua disposição de investigar.

Jazz — Bem-humorado, o deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDP-PE) lembra que adorava dar festas em seu apartamento funcional de Brasília, mas que cancelou o prazer desde a CPI do PC. "Quando a

gente abre as portas para receber amigos, sempre aparece um desconhecido. E não dá para pegar currículo e atestado de bons antecedentes de ninguém", justifica. Por precaução, ele trocou o feriado prolongado no Brasil por uma viagem aos Estados Unidos. "Vou para New Orleans, ouvir meu jazz, porque lá ninguém me aborda e nem me conhece", despediu-se Maurílio, na noite de quinta-feira passada.

O furor do denuncismo está tirando o sono do presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), que confessa sua preocupação com os efeitos catastróficos das acusações levianas sobre a imagem do Congresso. Precavido, o coordenador da Subcomissão de Patrimônio, senador Paulo Bisol (PSBR-RS), explica o porque de ter deixado sua barba crescer aos 60 anos, logo depois de encerrados os trabalhos da CPI do PC. "Alguma coisa eu tinha que pôr de molho".